

ZELITO

Pedro Beccari

Um lobo lambe a lua? Provou o conhaque e aliviou a careta com vivo sopro. Daí que circunvagou o olhar pelas mesas circunjacentes. O vasto vago salão. Cartazes escurecidos nas paredes. Na cabine telephonica.

Alô. Alô. Querido!

O ido exclamado com ado de amado? Zelito fumava e ouvia os rumores do trânsito. Filas de buzinas.

Às oito está bem?

A voz dela ciciante. Um suspenso relógio de tic timbrante badalava os tímpanos. Sete horas só.

Em uma hora estarei linda pro meu taradinho.

O louro ouro bigode curto abreviava o sorriso dele cinico. No bolso o invólucro meio gorduroso do pequeno frasco com rótulo da Pharmacia Stella. Mas a gravatinha borboleta sarapintada correta. Quase que compunha música com sua palidez.

Certamente a leitura do mundo seria menos dolorosa não fosse aquele rosto desfocado no fundo das coisas tangíveis. Tio Nestor emerge do vidro de pickles ou da pia batismal e deixa uma sensação de ternura deslizar sobre as madeiras.

Olá, rapaz, beleza de lua lá fora.

Senta-se à mesa. Já não usa o gesto de apoiar-se à bengala. O focinho dele inofensivo manchado de luar?

Olá, titio, como tem passado?

O conhaque prejudicando as vogais da língua. Estava por tufânica cusparada quando. O tio não ia nem bem nem mal. O bondoso Deus o vinha poupando das dores da artrite.

Vamos ao cardápio, filho.

Zelito estalava os dedos e o motor de um garçom funcionava.

Um lanche ligeiro, o Novaes faltou outra vez.

Tipógrafo de calosas batalhas agora grisalho guindado ao ofício de Revisor.

Temos serão esta noite.

Os olhos do tio fatigado. Pêlos grisalhos desandam. Pelo focinho desandam.

A propósito, como vai tia Lucy?

Magoada com o sobrinho ingrato que nunca mais apareceu.

A tia volumosa e branca no vestido justo de organdi suíço. A tia debruçada à janela. O decote dela arregalado para os meninos do Liceu que. O tio trazendo braçadeiras de flores. A tia extravasava nos seus

28 anos. E havia heras no muro da casa. E rosas no jarro da sala. E noites havia quando o tio. O tio metia na tia. As coxas dela alvas roliças lisas. A gula sombria de seu sumidoiro bordado de belos pêlos macios. A tia queria. A tia gemia. A tia se contorcia?

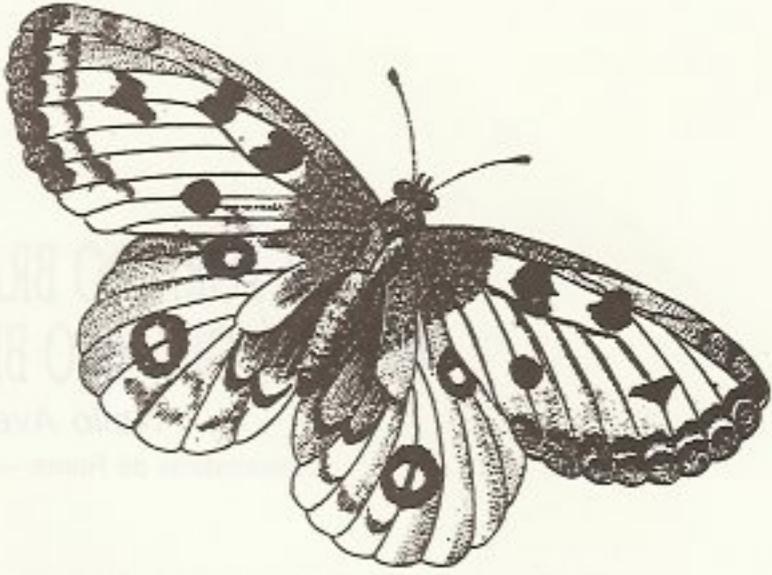
Mas, oh, o tio era um enorme bocejo.

Retratos na parede do quarto. Do tio. Da tia. Molduras ovaladas. Carcomidas. Corruídosos cupins. Às vezes a tia chorava? Aquele era o seu casamento. O seu casamen. O seu cas. Por fim a tia adormecia na paz dos roncões dele. Do tio. E todo um bando de arcanjos marmanjos habitava os sonhos dela. Da tia.

Assim, sem deslizes, seriam felizes?

Zelito sumariava de si para si. O tio. A tia.

Hora de lanchar e sorrir. No jardim de orégãos nascem pizzas napolitanas redondas como valsas. Tio Nestor tentará desvendar o enigma do tempo pela arqueologia de um ossobuco que o cardápio estampou. Tempo passado na roça. A voz dele mansa e lenta percorre o território da infância; atravessa um cercado de guarantã; foge pela trilha abandonada de uma borboleta; mergulha no riacho proibido; vem



desaguar no pálido azul dos olhos. Zelito a garganta seca. O conhaque outro. Mas aí já se erguia o tio. Exalava dele um aroma de pressa. O Novaes faltou a. O trabalho acumulado. O relógio delgado na palma da.

Até amanhã, filho.

Urgia que. Tempo de vê-lo acenar e sair. O apetite mal satisfeito. A rua engomada de branco luar. Um lobo uivaria na esquina? Esta noite tia Lucy irá redigir a declaração de guerra intergaláctica com os últimos pincéis de Cézanne. Cabeças verdes rolarão. Gemidos no travesseiro. Zelito alisava o dito louro bigode. Transpiravam as axilas. Ouvia o tempo circular no relógio de tic nervoso. Quase oito. Lá fora um cão latia. A tia. A tia. O conhaque outro.

05